

Professor de Harvard receita soluções para economia brasileira

BRASÍLIA — Economista mundialmente famoso, embora ainda não tenha feito 40 anos, Jeffrey Sachs, o professor de Harvard, contratado pelo governo da Bolívia para colocar um ponto final na hiperinflação que levou aquele país para o buraco, reuniu-se, secretamente, com diversos funcionários de alto nível do Banco Central no dia 20 passado. Ele disse que o Brasil não conseguirá resolver os problemas internos apenas com as soluções de natureza fiscal, mas, principalmente, com uma sensível redução do serviço da dívida externa.

No dia 20, enquanto a maior parte dos funcionários e todos os diretores do BC estavam no auditório assistindo ao seminário com os ex-presidentes da instituição, Sachs fazia uma preleção para técnicos que têm algum vínculo com o setor externo da economia. Segundo Jeffrey Sachs, estão à beira do colapso os programas de cooperação feitos entre países credores e devedores e o Fundo Monetário Internacional.

Nova ortodoxia — Na conversa reservada com os brasileiros, Sachs deixou claro que está surgindo o que ele denomina de “uma nova ortodoxia”, que consiste nas estratégias de desenvolvimento voltadas para o exterior, com base nos resultados das exportações e liberalização do comércio. É justamente o que o Brasil pretende executar através das Zonas de Processamento de Exportações (ZPE).

Para o professor de Harvard, esse pacote de liberalização está provocando uma redefinição nos programas do Banco

Mundial e do FMI. Ele garantiu aos técnicos do BC que essa nova ortodoxia é vista como instrumento-chave de controle da crise nos países devedores.

Especialista em políticas de comércio e de câmbio aplicadas em programas de ajustamento voltados para o crescimento econômico, Jeffrey Sachs (que o presidente do Banco Central da Bolívia, Javier Nogales, definiu como um elemento fundamental na correção dos problemas econômicos de seu país) tem feito estudos sobre a questão do endividamento externo, das inflações elevadas e do crescimento de países localizados no Sudeste Asiático.

No BC, ele expôs suas idéias para Sílvio Rodrigues (chefe do Departamento Econômico — Depec), Marcelo Ceylão de Carvalho (chefe do Departamento da Dívida Externa), Mário Sundfeld (chefe de gabinete da Diretoria da Dívida Externa), além de Hélio Rebelo, Hélio Bontempo e Newton Marques (técnicos do Depec), Antonio Carlos Monteiro (do Departamento de Fiscalização do Capital Estrangeiro) e José Coelho Ferreira (advogado do BC, especialista em questões internacionais). A reunião, realizada na Diretoria da Dívida Externa, no quarto andar, foi fechada até mesmo para outros funcionários da instituição.

Jeffrey Sachs fez uma análise dos programas de ajustamento aplicados na Bolívia, Argentina, Peru, Brasil e Israel, salientando que as altas taxas de juros na economia interna após os choques econômicos refletem não apenas condições monetárias apertadas, como está ocorrendo no Brasil, mas também “uma falta continuada de confiança”. Em sua opinião, o Brasil poderá alcançar um razoável grau de estabilidade econômica, se conseguir reduzir o montante de juros pagos ao exterior através de uma solução negociada que passe pelo aval do FMI e do Banco Mundial. E não apenas pela moratória unilateral dos países devedores.